

10º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO! 2011

Relato Real

DOSES DE SONHO

Autora: Eloí Elisabete Bocheco

Bombinhas – SC

Ela* era bem nova quando a vi entrar na classe do antigo ginásio da Escola Juçá Barbosa Callado, pela primeira vez. Usava uma saia enxadrezada em verde e bege e uma blusa amarelo-queimado. Trazia um arco de vidro nos cabelos e usava sandálias marrons de salto alto. Essa primeira visão dela permanece viva ainda que tenham se passado quarenta anos desde esse dia. Ela própria me diz que não se lembra mais de ter tido essas peças de vestuário e, no entanto, eu lembro tão bem.

Chegou com os braços cheios de livros: era sempre este o seu modo de chegar. Apresentou o livro-texto de Antônio Ravanelli, que usaríamos em sala. Até hoje procuro nos Sebos a coleção para quinta a oitava séries, deste autor. Usava pouco esse livro, o didático. Era apenas um recurso a mais em seu estoque de feitiços para nos apaixonar pela leitura. Era uma mestra cheia de cuidados com a criação da memória literária de seus alunos. Tinha o formoso costume de ler poemas, crônicas e livros aos capítulos, em voz alta para a classe. Creio ter sido este o maior feitiço de todos. As palavras cresciam na voz dela – até um texto insípido do livro didático de antanho brilhava. Aquelas sessões de leitura me deram as primeiras noções intuitivas dos poderes das palavras, do quanto elas podiam ser arrebatadoras.

Ela própria se deliciava com a leitura que fazia. Não era só a apresentação de um texto: era a repartição de um sonho. Lia em transe, possuída, a muitos palmos do chão carcomido da sala de aula.

Entre as palavras abriam-se vãos mágicos que nos puxavam para o alto, como ímãs. Por instantes, esquecíamos as carteiras riscadas, as vidraças em pedaços, a sala feia, o quadro de giz esburacado. Havia pontos em nós que faiscavam de possibilidades. Era como se ela dissesse, através de seus rituais de leitura: “o caminho do sonho é por aqui, crianças!”

Muitos textos que ela trazia para a classe eram datilografados em estêncil, na máquina de escrever, e impressos em mimeógrafo a álcool. Na folha branca, em letra azul, o poema, o conto, a crônica, o excerto da obra vinha a nós com muito capricho e cerimônia. Ela os entregava de carteira em carteira, depois dobrávamos e colávamos no caderno de linguagem.

Após este ritual de dobrar e colar o texto, ela fazia a primeira leitura. O Cajueiro, de Rubem Braga, na leitura dela, caía devagarzinho sobre a casa do autor, com tal delicadeza que era impossível não se apaixonar pela árvore, mesmo morando numa região onde nunca se viu um cajueiro.

Com voz apaixonada, ela golpeava a rotina com a flecha luminosa da palavra literária. Esta saraivada de luz nos atingia em cheio e atiçava o desejo de ler e buscar outras leituras onde quer que estejam.

Apresentou Cecília Meireles à classe com grande enlevo e intróito apaixonado pela vida e obra da escritora. Lia os textos da autora na altura e na maciez apropriadas às palavras de seda da escritora.

Por entre as letras azuis, na folha branca acetinada, surgia o Anjo da noite, o inesquecível guarda-noturno. Na visão poética de Cecília Meireles e na

voz da mestra - sintonizada com a respiração da crônica - os passos do guarda ora se afastavam, ora se aproximavam. Em algum parágrafo ele apitava, em outro, um gato retardatário pulava o muro. Sob nossos pés, a rua, sobre nossas cabeças a noite profunda. O guarda-noturno, Anjo da noite, cuidava do sono das gentes. A mestra cuidava de nossa memória literária e abria ruas sem fim em nossa imaginação.

“Vamos ouvir Canção excêntrica”. “Ando a procura de espaço para o desenho da vida/em números me embaraço e perco sempre a medida”... Os versos caíam sobre nós. Os olhos da mestra perscrutavam as feições. O que seria excêntrica? Ela não explicou naquele momento, acho que para não esmaecer o clima lúdico. Ela era toda finura com a palavra poética. Quem precisava saber o que era excêntrico para voar com as asas que saltavam dos olhos dela, tão embriagados no instante lírico como os nossos? Mais tarde ela contou sobre o excêntrico. Entendi que ela própria era assim, de tanto amor pelas palavras. Amor excessivo. Benditos excessos os dela!

As leituras nunca aconteciam num dia marcado. Ela gostava de nos fazer surpresas. Podiam acontecer numa terça-feira calma, numa sexta em que caiu o muro da frente da escola, numa quarta em que o Rio Pelotas transbordou, numa segunda-feira de enormes saudades de alguém que partiu numa quinta sem nada para comemorar.

Nossos “corações inquietos e perturbados com a passagem e o tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam”, como diz no Sermão da Sexagésima, de Pe. Antônio Vieira, esperavam pelos finos repastos que ela ofertava.

Um dia trouxe um livro de Cecília Meireles que era, no formato, tal qual um caderno de desenho. Quando abriu e leu o primeiro poema fiquei atônita: não era “um caderno de desenho”: era um porta-joias! A primeira joia que brilhou foi um colar de coral. Nunca eu tinha visto um poema incendiar. As paredes da sala, há mil anos sem pintura, mergulharam em luminosidade. A prof^a leu e releu deliciosamente. A cada leitura, as imagens ficavam mais nítidas, como se ela desse lápis de cor à voz e fosse desenhando o poema no ar. Via-se que a mestra era devota daquele colar. Devota do mesmo colar também me tornei.

Do porta-joias caíam rubis: “Rolam rubis rubros do céu”. Abre-se a romã/ Abre-se a manhã”. Até o apagador, na beira do quadro, cintilava. As aulas eram noturnas, mas dentro de nós o sol brilhava.

A linguagem tinha outro modo de dizer. Outro semblante: mais vivo e mais luminoso. Para esse outro universo da linguagem a mestra nos levava para passear. Eram momentos de feriados da linguagem referencial. Ela sabia o quanto estes passeios podiam avultar nosso desejo de beleza e de liberdade.

A vida não precisava ser só o puro chão. Outro desenho era possível. “Uma pena a vida ser só isto! Os versos de Cecília Meireles se aplicam bem aos dias de pobreza simbólica em que vivemos tempo pródigo em atrativos para os olhos biológicos. A jovem mestra pressentia que só os olhos biológicos não bastam: “não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores” – como lemos em Fernando Pessoa, seguido de perto por Mário Quintana em “uma vida não basta apenas ser vivida, também precisa ser sonhada.” Havia outros modos de ler o mundo que fugiam ao óbvio, e isso ela mostrava ao nos conduzir pelos territórios lúdicos da imaginação.

Tenho saudades da moça com arco de vidro nos cabelos, que chegava sempre com os braços cheios de livros e lia, com voz apaixonada, seus autores prediletos, os melhores da literatura nacional e estrangeira. Ainda hoje, quando releio certos livros, ouço-a ao fundo ler passagens marcantes, diálogos, descrições. A voz dela ficou gravada a sonho e se mistura com poemas, contos, crônicas narrativas. Não poucas vezes paro para ouvi-la novamente e noto que a voz não envelheceu.

* Ana Schirley Fávero

Relato Real

RELATO DE CASAMENTO DEFINITIVO COM A LITERATURA

Autora: Alessandra Firmo da Silva Santos

Rio de Janeiro – RJ

O ano de 2009 foi um ano muito especial para mim. Esse foi o ano que coisas maravilhosas aconteceram. Como professora do Ensino Fundamental há bastante tempo, sempre tive a preocupação de transmitir o amor que eu sinto pelos livros. Ler para mim sempre foi deleite, sempre foi prazer, sempre foi conquista. Isso começou na infância. Aprendi a ler muito cedo. A leitura como a arte de decodificar símbolos me abria caminhos e como criança, tratei de tirar proveito da situação. Aos sete anos (que era a idade de entrar na escola naquele tempo), fazia o meu trabalho e dos meus colegas de turma na antiga C.A. Passaram-me então para 1ª série. Depois de algumas semanas, o mesmo sucedeu. Fiz um teste e fiquei então, finalmente na 2ª série. Tudo que tivesse letras e que vinha parar em minha mão era devorado.

Minha mãe achava que me levar para a escola era o suficiente. Meu pai apesar de passar pouco tempo comigo, percebeu quase que instintivamente minha agonia quando as “letras” não estavam diante dos meus olhos. Então, ele trazia umas revistinhas bobas para eu ler, o que me deixava muito feliz.

Depois passou a me comprar livros que entregava em minhas mãos com a seguinte recomendação: No final de semana, vou te perguntar como é a história! Pronto. Estava estabelecido em minha vida o mediador para minhas aventuras!!

Na 3ª série do Ensino Fundamental, tive a sorte de ter uma professora comprometida com a Literatura. Com ela tive oportunidade de ilustrar meu 1º livro: *Chapeuzinho Vermelho*. Eu não ia a livrarias, nem sabia o que era biblioteca, mas passavam em nossa porta de vez em quando, vendedores de livros. E meu pai sempre dava um jeito de comprá-los para mim, nem que para isso ele pagasse um carne um ano inteiro. Outro jeito que arranjei de ler mais, foi pedindo ao invés de brinquedo, livro de presente de aniversário.

Quando não dava para meus pais comprarem livros, eles compravam gibis. Eu não gostava tanto assim dos gibis, mas era melhor do que ganhar brinquedo. E assim meu universo de leituras foi aumentando. Por isso como professora eu sei que muitos dos meus alunos, não têm acesso à Literatura. E que eu como professora deles, em muitas situações, sou a única porta para esse acesso. Sempre leio muito para eles e com eles. Eu sei como isso é bom! Eu experimentei isso ainda na infância, e foi maravilhoso! Eu quero dar esse prazer aos meus alunos também. Como disse Ziraldo (o que concordo plenamente): “Ler é mais importante que estudar”. Mas no ano de 2009, minha tarefa iria assumir proporções ainda maiores. Fui convidada pela direção da

escola onde ensino, a ser a Regente de Sala de Leitura. Foi um grande desafio, porém também uma grande oportunidade. Na Sala de Leitura, teria como impactar e incentivar a leitura não somente do meu grupo de alunos, mas de toda a escola. A Biblioteca da escola estava praticamente parada, e isso precisava mudar. Porém precisava que a mudança acontecesse em toda a escola. Então comecei como professores. Em minha primeira reunião com eles, levei o texto de Clarice Lispector: *Felicidade Clandestina*. Como Rubens Alves certa vez escreveu não se pode ensinar o prazer da leitura com aulas sobre ciência da linguagem. Só se ensina o prazer de ler, quando lemos, no sentido mais simples e infinito da palavra (fala minha). Então comecei lendo. E quando a leitura terminou, não disse nada. Esperei a reação do grupo. Nossa! Que texto lindo! Ainda não conhecia! disse alguém. Então me atrevi a dizer alguma coisa: Eu quero que as crianças dessa escola se sintam como essa menina: em êxtase puríssimo ao entrar em contato com o livro. E preciso da ajuda de vocês!

O que aconteceu na vida da escola e na minha vida foi algo surpreendente. Foi o ano em que eu fui mais feliz! Certa vez escolhi um livro chamado *DESIDERATA* e fiz um trabalho com os professores. Li para eles e propus uma tarefa: cada frase do livro foi impressa e cada grupo iria ilustrar da maneira como achasse melhor. Foi maravilhoso! No final cada grupo apresentou seu “livro”. Essa tarefa os fez observar como a leitura, especialmente o texto literário, produz em nós um tremor de sentidos, como abala nosso aparelho de interpretação. O mesmo texto, a mesma leitura, provocou diferentes visões e representações nos diferentes grupos. Os professores adoraram o exercício e no final todos queriam ficar com seus livros ilustrados.

Foi assim, conquistando primeiramente os professores, que pude desenvolver um trabalho realmente muito especial naquele ano. Vê o “entrar e sair dos alunos na Sala de Leitura, observar a “bagunça” bonita após uma visita das turmas, e o olhar atento quando eu lia um livro com eles, para mim foi recompensador. Foi um movimento que não parou mais. De repente, parece que toda a escola foi tomada por uma alegria contagiante. Às vezes eu digitava trechos de livros e distribuía para professores e alunos. Ao querer saber de onde eu havia tirado, eu dizia: no livro tal. E aí a procura começava. Não posso deixar de dizer também que contei com uma ajuda importantíssima nessa tarefa tão especial. Um Curso maravilhoso oferecido pela FNLIJ. Nesse curso conheci mestres comprometidos com tarefa de instrumentalizar professores na maravilhosa tarefa de promoção da leitura e escolha de livros de qualidade. O que esse curso promoveu em mim, é difícil de explicar nessas linhas. Além da parte prática como aprender sobre o projeto gráfico de um livro, a ilustração, os livros informativos, o que é qualidade em Literatura infantil e Juvenil, também o crescimento pessoal que a interação com esses mestres proporcionou. Sem falar que fui apresentada de perto a autores que só conhecia de nome. Obras que me fizeram enxergar a vida com outros olhos.

Aprendi o que é Prosa Poética com Bartolomeu Campos de Queirós por uma mediadora apaixonada. Aprendi mais sobre Marina Colasanti, uma autora muito subjetiva que sempre busca arte, beleza e reflexão através do Volnei Canônica. Conheci melhor a Literatura indígena pelo maravilhoso autor Daniel Munduruku. Luiz Antônio com seu passeio pela Literatura me fez responder melhor a minha vocação de ser humano. Marisa com sua aula e suas leituras

me conduziu a uma fala de Ítalo Calvino: “A Leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, isto é, de liberdade; a leitura é uma correspondência não só com o livro, mas também com nosso mundo interior, através do mundo que o livro nos abre.” E isso não quer mais parar. Afastada do meu trabalho por estar embalando meu filhotinho, leio pra ele, apesar de saber que ele não entende tudo que eu falo.

E nas reuniões de família, faço a pergunta inevitável: Posso ler uma coisa interessante para vocês?

E citando parte de uma poesia de Neruda:

“É proibido não criar suas histórias,
É proibido não buscar felicidade...”
Eu já encontrei a minha.

Relato Ficcional

Não houve vencedor.